

## PREFÁCIO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Prefácio a Mamigonian, Armen e José Marcio Rego (orgs). *O Pensamento de Ignácio Rangel*. São Paulo: Editora 34: 1998.

Os filósofos, os grandes economistas, os mais notáveis cientistas sociais, os mais reconhecidos escritores foram sempre aqueles que pensaram com originalidade e coragem. Estas foram precisamente as duas marcas do pensamento de Ignácio Rangel. Dono de uma poderosa imaginação, e de uma extraordinária capacidade analítica, ele nunca teve medo de pensar o novo, de enfrentar as verdades estabelecidas. E sempre o fez de maneira dialética, de forma a poder analisar sem simplificações indevidas as contradições profundas que marcaram o desenvolvimento e as crises da economia da sociedade brasileira.

A predominância atual da teoria neoclássica leva muitos a acreditar que o pensamento dos economistas é necessariamente lógico-dedutivo. Não era esse o caso de Ignácio Rangel. Ele sempre pensou histórica e indutivamente, antes de pensar dedutivamente. Isto significa que era um marxista? Não. Embora influenciado por Marx e pelo materialismo histórico, sempre manteve uma independência intelectual, uma capacidade de pensar por conta própria, que inviabilizam rótulos.

Rangel viu traços de feudalismo na formação social brasileira, mas não os viu linearmente, como antecedendo o capitalismo, mas dialeticamente, para caracterizar a dualidade essencial da economia brasileira. E esta dualidade era dinâmica, aparecendo em dois pólos, um interno e outro externo, e na alternância do sócio menor, que se transformava no sócio maior na fase seguinte.

Da mesma forma que não foi ortodoxo (marxista) na análise da formação social brasileira, também não foi ortodoxo (monetarista, keynesiano ou estruturalista) na análise da inflação. Seu livro seminal, “A Inflação Brasileira”, transformou-se em um dos clássicos da economia brasileira. A inflação, para Rangel, não se explicava nem pela oferta de moeda, nem pela demanda excessiva, nem por pontos de estrangulamento na oferta, mas era função da crise econômica, era o mecanismo de defesa perverso contra a desorganização do sistema econômico que ocorria na fase de desaceleração dos ciclos longos de Kondratieff. Foi isto que lhe permitiu formular e

demonstrar a existência de uma relação inversa entre crescimento e inflação no médio prazo. No curto prazo essa relação pode ser direta, mas quando adotamos um ponto de vista de mais longo prazo, prosperidade e queda da inflação se somam, como estamos vendo na economia norte-americana dos anos 90.

Foi essa capacidade de pensar dialética e ciclicamente que levou Rangel, em 1972, em uma reunião da SBPC, quando estávamos em pleno “milagre”, a prever a próxima crise da economia mundial, que afinal engolfaria o Brasil. Foi essa mesma qualidade que o levou em 1978, quando escreveu seu antológico posfácio à terceira edição de “A Inflação Brasileira”, a diagnosticar a crise do Estado e a propor a privatização e o desenvolvimento de novas formas de financiamento do investimento, que permitissem superar a crise e retornar ao desenvolvimento.

Esta crise até hoje não foi plenamente superada, embora haja sinais de que novos grupos empresariais estão emergindo, de que novos instrumentos para financiar o desenvolvimento, como a hipoteca de fluxos futuros de receitas, estão sendo gestados, instrumentos que Rangel insistentemente cobrou. Para analisar essas novas realidades, nada melhor do que rever o pensamento de Rangel e, ao fazê-lo, deixar que nossa imaginação, ajudada pela dele, descortine perspectivas novas para o Brasil.